

Pode encadernar assim mesmo

Freitas

A MACA

ANNO V - 17 - NUM. 255
Rio de Janeiro 25 de Dezembro de 1926



GAMEIRO

Aqui está, leitor ingrato,
Teu presente... Quanto é bello!

Elle sae do teu sapato
E te mette... num chinéllo!

EXPEDIENTE

"A MAÇA"

Semanao Illustrado. — Director: Conselheiro X. X.

Proprietario: Idacó F. Cunha.

Administração: Rua Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19
(Livraria Leite Ribeiro)

Redacção: Rua do Passeio, 78 — Telephone Central 1862

Officinas: Rua Paulo de Frontin, 103 — Rio de Janeiro — Brasil

ASSIGNATURA E VENDA AVULSA

Estados:	Capital:
Anno. 30\$000	Numero avulso \$500
Anno (sob registro).... 50\$000	Atrazado \$600
Numero avulso \$600	Idem, sob registro mais. \$600

PARA O EXTERIOR

Porte simples:	Registrado:
Anno 50\$000	Anno 60\$000
Semestre 30\$000	Semestre 35\$000

Publicação retribuida — (Annuncios) — Preço por vez

Em papel couchê	Em papel assetinado
1 pagina 250\$000	1 pagina 200\$000
1/2 " 130\$000	1/2 " 110\$000
1/4 " 70\$000	1/4 " 60\$000
Capa anterior - (cores).. 450\$000	Publicações especiaes no texto, 5\$000
Contra capa, 1a. e 2a. a 350\$000	a linha, por vez, escala corpo 7

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao seu proprietario,
Idacó F. Cunha.

FALLENCIA DE UMA FIRMA IMPORTANTE

Após ter causado grandes prejuizo a
muit conhecida firma Rins, Bexiga, Presta-
tite & Cia., doença collectiva por açoes do
portador, está condemnada a desaparecer
de circulação desde que seja atacada no fôro
intimo pelo admiravel curador que se chama
BLENOL e se encontra em todas as boas
pharmacias e drogarias.

Lic. pelo D. N. S. P. em 29-5-1906, sob o n. 44.



A PERNAMBUCANA

OFFICINAS GRAPHICAS

Executa com perfeição e nitidez impressões de albuns, revistas e
- - todo e qualquer trabalho concernente ás artes graphicas - -

Especialidade em impressões de chromos, trichromias, etc.

Luciano, Cunha & Cia.

RUA PAULO FRONTIN, 103

Telephone: CENTRAL 2795

(Esplanada do Senado)

RIO DE JANEIRO

As colicas uterinas mesmo de gravidez, por mais violentas
que sejam cedem em 2 horas com a



E' o GRANDE REGULADOR E CALMANTE DA MULHER

Combate as COLICAS UTERINAS em 2 horas. Actua rapidamente nas inflamações do UTERO e dos OVARIOS.

A "FLUXO-SEDATINA" é de acção prompta e eficaz em todos os casos de suspensões, irregularidades REGRAS EXCESSIVAS, faltas de regras, REGRAS DOLOROSAS, corrimentos, CATHARRO DO UTERO, flores brancas e accidentes DA EDADE CRITICA.

Nos PARTOS é um poderoso auxiliar, porque facilita, diminue as dôres e EVITA AS HEMORRHAGIAS.

A "FLUXO-SEDATINA" é usada com optimos resultados nos hospitaes e maternidades, dando sempre RESULTADOS CERTOS.

Licenciado pelo D. N. de S. P. sob o n. 67. em 28-5-1915.

×

TOME

Vigogenio

O verdadeiro fortificante

Porque é um tonico alimento. Altamente concentrado.

Porque substitue com vantagem o Oleo de Fígado de Bacalhão.

As gorduras dão diarrhéa e erupção na pelle.

Porque dá sangue e cria carnes

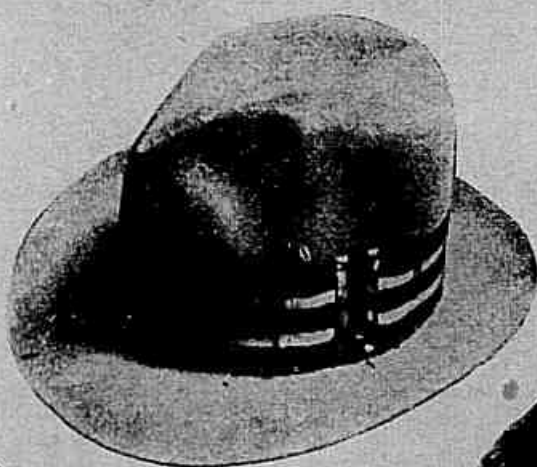
Porque dá côres ás moças pallidas.

Porque desenvolve as creanças rachiticas e anemicas, augmentando o peso 2 kilos por cada vidro.

Só os fracos estão expostos á tuberculose.

O VIGOGENIO é o tonico do sangue, nervos, pulmões, coração e dos impotentes.

PREÇO 5\$000 — VENDE-SE EM TODA PARTE

50\$ marron
e preto30\$ modelo
Principe de
Galles55\$ phantasia
em diferentes
côres

Nova casa especial em calçados e chapéus finos

A que por preços menores offerece seus artigos

Elegantes Modelos

Ultimas Novidades

142, RUA URUGUAYANA, 142

PROVERBIOS

Papagaio come a fama e periquito leva milho.

X

Cavallo de Praga não mata urubu'.

X

O começar e o comer, estão em coçar.

...

Em terra de ôlho quem tem um rei é cêgo.

X

Mais vale uma mão no passaro do que duas
coando.

...

Quem tem Roma vae á bocca.

(X. X.)

X

Meu capitão, eu preciso de uma licença
hoje.

— Para que ?

— Para enterrar minha sogra.

— Mas você não a havia enterrado ha um
meio dia ?

— Tinham-na enterrado viva, meu capitão!

CANÇÃO DA ROSA MURCHA

Eu passei por tua casa
E olhei pelo cadeado;
Vi tua mãe no andar terreo
Dando surra em teu cunhado.

Marques de Verniz.

(X. X.)

X

Em Paris é condemnado á guilhotina um
famoso sclerado. De accordo com o costume,
perguntam-lhe o que dezeja comer no dia seguin-
te, antes da execução.

— Dezeja qualquer cousa, amigo ?

— Dezejo.

— O que ?

— Cerejas.

— Cerejas em janeiro ?

E o condemnado, humilde:

— Eu espero...

X

UNICA official.

UNICA fiscalizada pelo Governo Federal.

UNICA por cujos premios responde o Thesouro

UNICA extrahida á vista do publico nesta Capital.

CAPITAL: 2.000 contos COM O DEPOSITO DE 500 CONTOS
no Thesouro.

PRESSO proprio, á Rua L. de Março 110, com frente para a
Rua Visconde de Itaboraity, 45, Extrações de 12h às
2 h2. e de 2 horas nos sabbados.

LOTERIA FEDERAL



**AS CRIANÇAS
DE PEITO**
(AS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O
VINHO BIOGENICO
DE GIFFONI
AUMENTAM DE PESO E FICAM BELLAS
ROBUSTAS E DESENVOLVIDAS.
À VENDA NOS BONS PHARMACIAS E DROGARIAS.
DEPOSITO:
DROGARIA FRANCISCO GIFFONI & C.
RUA 1.ª DE MARÇO, 17 - RIO DE JANEIRO
ALVARA PUBLICA Nº 499 DE 15-9-26 (PARECER DE F. FRADA)

— PETROL —

Perfuma, ondula, amacia e conserva o cabello

Deposito: Pharmacia e Drogaria Giffoni - 1.º DE MARÇO, 17

A MODA

Os adornos, principalmente os de pedras preciosas, estão fóra de moda. Entretanto, começam a apparecer entre algumas damas carajás, de evidente bom gosto, os enfeites de nariz. Constan de uma penna, azul ou encarnada, atravessando a parede nasal, da direita para a esquerda. As damas que constipam frequentemente, preferem o batoque no labio superior ou a argola no interior. Facilita o espirro e é mais discreto.

x

Quando crêmos amar uma pessoa, é a sua presença a que nos engana: quando amamos verdadeiramente, a sua ausencia é o que nolo assegura.

LINGRE'E

x

Quando a belleza, primeiro instrumento do seu officio, falta ás mulheres galanteadoras, resta-lhes ainda alguma coisa que lhes vale: a tolice dos homens.

JULES LECOMTE

MUSA POPULAR

(Collecção X. X.)

Eu cheirei tua camisa
Tinha cheiro de jasmim;
Mas passa no taverneiro
Compra um kilo de sabão.

x

De regresso do cemiterio, onde fóra entrar a esposa, um borracho italiano entra taberna, e tomba sobre o balcão, chorando:
— Una "lacrima, Christi!"
E bebeu.

x

Diz um telegramma da United Press que Vienna não existe nem agua.
Se o povo não come, para que deseja "ag viennense"?

x

A menina A..., ballarina, tinha por am e conhecido muito assiduo um moço folhista, que, depois de ter jantado com ella passar a noite com uma comica, a senha S..., — "Isto será muito bonito! disse ella, dia á creada, vem comer os meus bijes, e de vae leval-os a outras".

H. VILLEMESANT

TOSSE E QUALQUER AFFECÇÃO
DOS BRONQUIOS
E DA GARGANTA
USAE O **GRINDELIA** DE OLIVEIRA JUNIOR

REGULADOR FONTOURA

O
GRANDE REMEDIO
DAS
SENHORAS

PARA
COMBATER, AS CAUSAS
QUE ALTERAM
O SEU ESTADO DE SAUDE
E PARA ELIMINAR
OS DISTURBIOS NERVOSOS
AS CRISES DOLOROSAS
E A CONSEQUENTE
DECADENCIA
PHYSICA



Tem havido numerosas depredações no "leir-
" da Leopoldina.

O governo mandou seguir para o interior o
cal da "rêde".

X

Seja qual fôr a confiança que tenham, os
antes e os maridos não devem estar fóra mui-
tempo. Eu conheci ausentes que quatro vezes
dia tinham que arrepender-se.

BYRON

X

Y mais difficil para uma mulher encontrar
bom amante, que um bom marido.

PALACIO



O primeiro amor d'um moço ao entrar no
mundo é ordinariamente um amor ambicioso.
Raras vezes se declara por uma menina doce,
amavel, innocente. Como tremer, adora e sentir
em presença d'uma individualidade? Um ado-
lescente tem necessidade de amar um ser cujas
qualidades o elevem aos seus proprios olhos.
Ao declinar da vida é que se ama o simples e o
innocente, desesperando do sublime. Entre am-
bos colloca-se o verdadeiro amor que não pensa
senão em si.

STENDAL

X

Não se é amigo d'uma mulher quando se pôde
ser seu amante.

BALZAC



Collocae uma menina de quinze annos entre
o pae e o noivo: observae-a bem e vereis que tem
uma cara para olhar o pae, e outra differente
para olhar para o noivo.

JOSE' SELGAS

X

A ausencia é o maior dos males. Se sois aman-
tes e quereis viajar, não vos afasteis muito das
vossas praias.

LA FONTAINE

OLIVAN
(SABONETE)

PARA O ASSEIO E BOA
HYGIENE DO CORPO.
AGRAVAVELMENTE PERFU-
MADO E DE REAL EFFICACIA

A MINA DE COELHO NETTO

Lá no alto monte, entre as urzes maninhas, disse Silvano. Lá no alto monte! Ide ver... E' justamente perto do carvalho onde Lavinio, á tarde, sopra a frauta, onde Lavinio, á tarde, canta. Lá no alto monte, entre urzes maninhas.

Hontem, por acaso, á hora em que fui levar a ração ao pastor, attrahido, por um passarinho, fiquei algum tempo junto do carvalho, a ouvir, a ouvir, furando a terra com o ferrão do meu cajado.

O passaro cantava no mais alto da arvore, e, d'entre as urzes maninhas, outro lhe respondia.

Fiquei a ouvir, a ouvir e a cavar com o ferrão do meu cajado.

De repente, baixando os olhos para a terra, vi, no fundo da cova que eu abrira, vi no fundo da cova luzir alguma cousa — era como um pedaço de ouro.

Sem ouvir mais os passaros, puz-me a cavar, a cavar e descobri, no fundo da cova, um filão maravilhoso — ouro do mais fino, como não ha em reverbero de santo.

Entre os moços canoeiros — pescadores do rio, pescadores do lago — houve um grande alvoroço.

Queriam todos ir ao monte, vêr a mina de ouro, e Silvano arrependido de ter contado o seu segredo, megou-se a acompanhá-los, imitando-se a dizer, mostrando a serra:

— Vão! E' lá no monte, entre as urzes maninhas, junto do carvalho onde Lavinio á tarde sopra a frauta.

E os canoeiros partiram.

Subindo as montanhas, uns pensavam em comprar grandes canôas, outros em edificar palacios ricos como os dos fidalgos; outros, lembrando-se do proximo noivado, diziam baixinho que a capella teria grandes cirios e que o tapete do adro seria todo de flores.

Chegaram, enfim, ao alto do monte, entre as urzes maninhas. Era justamente a hora do cahir da tarde. Lavinio, entre as ovelhas, cantava sentidamente.

Os pescadores cercaram-n'o.

— Lavinio, disse um d'elles, o mais velho, mostra-nos a mina de ouro, a mina de ouro que Silvano descobriu no monte, conforme nos disse ha pouco. Deve ser n'este sitio, entre as urzes maninhas. Deve ser n'este sitio, é aqui que tu costumás cantar á tarde. A terra revolvida de fresco, foi Silvano que a revolver com o ferrão do seu cajado.

Lavinio, a mina de ouro é aqui — mostra-nos a mina de ouro.

— Mina de ouro! — disseste... Mina de ouro! E o tristonho pastor, afastando o rebanho, fallou ao canoeiro: — Mina de ouro! Mina de ouro no monte, perto do carvalho, entre as urzes maninhas... deve ser aqui.

E, desviando-se, deixou que os canoeiros revolvessem a terra.

Todos de joelhos, enterrando as unhas ambiciosas, cavaram, cavaram. Um delles, mais novo, ergueu-se de repente com uma pequena cruz de prata.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente:

— Amuleto... amuleto gasto pelos seus beijos!

Outro arrancou da terra um ramo secco.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente.

— Foi o ultimo ramo que lhe dei... o ultimo! Subito recuaram todos — era o ouro que chispava no fundo da terra, era o rutilo filão maravilhoso.

E Lavinio, a sorrir, disse serenamente:

— E' ouro. Ahi o tendes... Ouro puro.... ouro dos cabellos da minha amada, ouro dos seus cabellos.

E como os canoeiros se erguessem attonitos e commovidos, Lavinio continuou:

— Era minha esposa: ella pastora, eu pastor. Casámo-nos na serra, junto da fonte triste. O sol uniu-nos n'um mesmo raio; foi por uma manhã de primavera. Presentes á festa nupcial, os passaros, as borboletas e os dous rebanhos — o meu e o d'ella, que se juntaram. Ella trazia um ramo de bogaris, e, como lhe faltasse o véo, o véo que as noivas trazem, soltei, eu mesmo, os seus cabellos louros. Enquanto viveu amei-a estremecidamente; agora... os seus cabellos de ouro... podeis leval-os... podeis leval-os. Já não tenho ciumes dos cabellos.

Como os canoeiros se persignassem horrorisados com a profanação do tumulo, Lavinio serenou-os:

— Não vos assusteis. Ide... Ide... que alma da moça morta não vos perseguirá quando sahires para os lagos frios, á hora dos máes espiritos. Ide, que a alma da pastora está presa em meu coração, vive com a minha alma. No mesmo dia em que guardei seu corpo junto ao carvalho antigo, entre as urzes maninhas cavei, com a minha saudade, um logar no meu coração para guardar sua alma. Ide! e não vos assusteis... nada receeis — a alma da moça não vos perseguirá.

E ficou-se a cantar, junto ao carvalho, entre as urzes maninhas, com os olhos no céu pallido, onde desabrochava Vesper.

Natal DE EDVARD CARMILLO

— Este amuleto abre-se. E' a minha joia mais preciosa, apesar de humilde. Dentro não ha um retrato que o tempo desbotou, não ha madeixas de cabello louro, ou negro, como uma nesga de tréva, nem uma lembrança que a memoria esquece, nele guardo uma reliquia que tem sido o amavio de toda a minha vida, um farrapo de papel, com umas palavras que talvez julgues inoffensivas e vans, mas que são toda a melhor lição da minha existencia, que decidiram o meu destino, que me ensinaram mais que um livro aberto, que valem mais do que todos os compendios, mais sabias do que os mandamentos santos. E' uma phrase nervosa, escripta por mãos tremulas, puras, piedosas, que, quando estavam em cruz sobre o peito, frias, pareciam ir rezando por mim, mãos que embalarão o meu berço ao ritmo de uma cantiga que eu não esqueço nunca mais, que estão a me acenar de muito longe, de muito alto, a me dizer que o céu existe!

— Foi lendo esse conselho que aprendeste a ser feliz? E' por isso que a tua velhice ainda sorri, entre os teus cabellos brancos?

— Sempre, como todos, sempre sonhei com a felicidade.

— E desejaste a belleza, que fascina, procuraste a graça, que seduz, e perseguiu a fortuna, que deslumbra? Foste um illuminado do talento, um predestinado da gloria?

— A belleza encanta-me, commove-me, mas nunca a desejei ardentemente; a graça alegra-me, porém, jamais me apaixonou. A belleza passa, a graça fenece: ambas envelhevem depressa, são grinaldas da mocidade, que o sonho tece e o tempo desfolha.

A belleza treme e chora com o primeiro fio de cabello branco, que é uma ironia, com a primeira ruga, que é uma advertencia. Um fio de cabello branco é uma descrença que espia, uma ruga é um sulco para a lagrima deslizar.

— Tiveste fortuna, essa chave de ouro, que escancara todas as portas, que devassa todos os segredos, que profana os sentimentos bons, que ultraja e avilta e apaga a nobreza das almas puras? Moraste num palacio todo de marmore branco, com escadarias de alabastro, com colunas de beryllo e jaspe, com vitraes de rosa crystal, como esses que os poetas imaginam para os seus sonhos de pobre? E amaste muito, ardidamente, adormecido entre arminhos, á vigília tenue de leques e plumas, entre a musica das harpas e a surdina dos beijos? Alcançaste o amor, essa illusão fugitiva, que está tão ao lado, e sempre a pomos, descrentes, numa cidade, que não volta, ou enganados, numa esperança, que não chega?

— A fortuna facil se esbanja, breve se dissipa, o amor, esse, o pobre, é um instante que se vai, é uma impressão fugace, caprichosa, que no primeiro beijo vae dizendo adeus...

— Como és feliz, então? Tiveste bondade, consolaste os desgraçados, curando os enfermos, comparando os opprimidos e deste a dadiva anónima que ninguém agradece? Por uma idéa

fizeste um sacrificio e foste estoico a troco do beneficio alheio e foste resignado ante o insulto e a injuria? E praticaste a virtude, que se esconde, tão humilde, que poucos dão por ella?

— Tive tudo isso ao mesmo tempo. Eu sou um homem feliz. Envelhei ego, sorrindo. Terás os dons da vida me engrinaldaram a alma; todas as graças da terra sorriram para mim. Como que possui um thesouro preciosissimo feito das migalhas de todas as riquezas, de todas as maravilhas da vida. Em tudo eu vi a belleza, em tudo surpreendi a graça e a bondade. A fortuna tintilou, argentina, como pulseiras de ouro, aos meus ouvidos, não essa fortuna esteril do avarento que passa as noites inteiras a contar as suas moedas carcomidas, que não medra, bemfazeja, em misericordia, mas a que está ao alcance do trabalho, da tarefa conscienciosa de cada dia, que dá o lenho para a lareira, que semeia o trigo e colhe a messe loura e dá o pão á mesa, que dá o aceio ao leito, que põe a calma e a fé e a confiança na oração, e que, piedosa, sóbra para a esmola...

— Porque nunca foste ambicioso e nunca amaste a quem te esqueceste...

— Escuta a minha historia, que é simples como todas as pequenas coisas simples. Decóra-a e serás ditoso. Pequeno ainda, quasi uma criança, começava a abrir os olhos para o mundo, deslumbrado. Era Natal. Pobre, andava a espiar os presepios dos vizinhos alegres, todos cheios de illuminuras, de pastoras e de rebanhos... Sabes? Todos esses hospitaes, todos esses orphelinatos, que recebem e acolhem os desherdados, esses pequeninos que não tiveram mãe que os acalentasse, num berço em que adormecessem, deviam ter o nome de "presepio"... Assim, esses pobres orphãos não cresceriam com inveja do meigo Jesus, que soffreu por todos nós, julgando-o muito mais feliz do que elles, que não tiveram um presepio, um feixe de palha por berço, um mugido de ovelhas por cantiga de embalo... Mas, naquella noite, eu sabia que os pequenos recebiam presentes trazidos por fadas piedosas. Pensei acabrunhado, que talvez só eu não teria o meu brinquedo. Chorando, adormeci entre os meus andrajos. Na manhã seguinte acordei alegre de esperanza, fui examinar os meus sapatos rôtos. Nelles havia apenas esta joia sublime, este amuleto santo; abri-o curioso, e soletrei, letra a letra, o que estava escripto...

— Foi o teu melhor presente?

Namorados, aos bandos, passam, sorrindo, tagarellando. Accordes festivos vibram no ar. Sinos bimbam, alácnes. Natal! Um gallo, entre uma rufalhada, canta, estridente: o anúncio, rindo, compassivo, olhando o céu, acerta o relógio, — meia noite... E ajuntou, carinhosamente: — Estava escripto: "Contenta-te com o que tens"...

EDVARD CARMILLO

Presente de Natal POR **Cyro Mallet**

Nascida no interior do paiz, num logarejo onde a civilização ainda não penetrou completamente, Maria das Alegrias era uma creatura simples e, o que é mais, de uma simplicidade commovente. O pae era um portuguez bonanção, muito religioso e bom. A mãe, luza também, era um digno par do marido. Todos os filhos do casal eram afilhados do cura da freguezia, e nunca na fazenda do velho Damião se começou ou terminou uma refeição sem as preces de agradecimento.

Junho e dezembro eram os mezes queridos da petizada do sitio. O mez das fogueiras e dos balões era aguardado anciosamente. Não menos o mez do presepe. Economico e precavido, sem ser miseravel, o bom portuguez, nas referidas épocas, abria os cordões da bolsa e dava as suas festinhas, para gaudío da familia e dos vizinhos menos afortunados. Na vespera do Natal, reunia os filhos e, após a inauguração do presepe, chegada a hora de deitar, mandava-os collocar os sapatos á janella, para, na manhã seguinte, recolherem as dadivas do Papae Noel.

Boas creanças os herdeiros do Damião eram sempre bem comportados. Mas nas proximidades do fim do anno, mais calma e socegada se tornava ainda a vida da fazenda, tal medo tinham os pequenos de incorrer no desagrado do bom velhinho. Isto porque sabiam que as creanças levadas não lhe mereciam attenção.

Aos desesseis annos Maria das Alegrias acreditava ainda na solicitude do velho Noel. Como não havia de acreditar, si até o noivo, o Sebastião, moço intelligente, empregado do governo, garantia também a authenticidade do facto?

Casada em maio, no Natal seguinte Maria-sinha encontrou, como sempre, a sua lembrança dentro do sapatinho, na janella. E' que o Sebastião achava um encanto naquella puerilidade da mulher. Nunca pensou em roubar á consorte aquelle innocente e candido prazer. E enquanto existiu, infallivelmente a 25 de dezembro, fazia com que a Maria encontrasse o seu mimosinho, "vindo do céu".

Agente dos telegraphos, Sebastião, dois annos depois de casado, foi transferido para a Capital. E num segundo andar de uma casa de commodos em bairro pobre, viveu algum tempo o moço telegraphista. Antes de completado o primeiro lustro de vida matrimonial, o marido de Mariasinha falleceu.

Residindo muito longe da familia, a viuva teve de continuar na mesma casa, até resolver os seus negocios, e então, tudo liquidado, voltar

á fazenda dos paes. Só, sem filhos, a moça arastava uma vida tristissima. Contudo não pensou, nem de longe, em juntar-se a um novo marido. A terminação do inventario durou trez mezes, se tanto. Chegou a vespera do Natal, e a piedosa Maria, como sempre, collocou seus sapatinhos á janella.

*

A casa fronteira á que residia a moça roceira, era também uma casa de commodos. A rua era estreita, e quasi todos os predios de varios pavimentos. O terceiro andar do que defrontava a moradia da viuva do teegraphista, era habitado por uma numerosa familia e naquella occasião estava alli hospedado um amigo, que dormia no quarto cuja janella, em outro plano, correspondia exactamente á do quarto de Mariasinha.

Tendo comido demais na consoada, o hospede, alta noite, foi de subito, acommettido de collicas violentas. Ceremonioso, o rapaz não quiz incommodar a familia, pedindo que o conduzissem ao lugar apropriado.

Desorientado pelas dores que se intensificavam, o moço teve, por fim, uma idéa salvadora. Estendeu um jornal no chão, forrou-o com um lenço e num profundo suspiro, alliviou-se. Livre do mal-estar, os dedos nas narinas, o glutão olhava o jornal quando lhe accorreu a idéa de divertir-se á custa do proximo. Embrulhou o volume, enrolou-o em outro papel, passou-lhe uma fita e antegosando a decepção do transeunte que achasse o pacote, descerrou um pouco a gelosia e projectou o pequeno fardo no espaço em trevas.

*

Na manhã seguinte, muito cedo ainda, a filha do velho Damião, pressurosa, correu á janella. Muito indefluxada, não sentiu nenhum cheiro irreverente. Apanhou o presente e, satisfeita poz-se a apalpal-o, procurando descobrir, pelo tacto, do que se tratava.

Impaciente, com a inutilidade daquella pesquisa, desfez o laço. Tirou o primeiro involucre; depois o segundo.

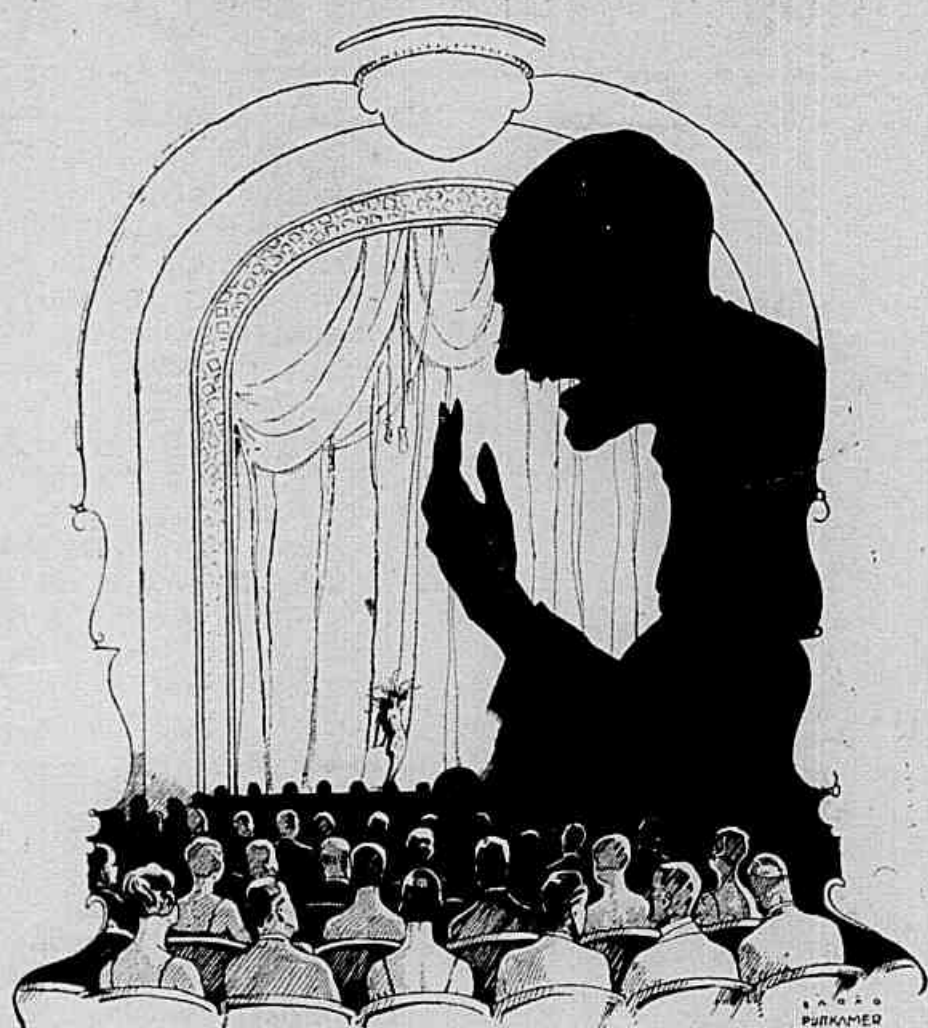
E ao dar com a porcaria, num ar de tristeza, os olhos cheios d'agua:

— Sim, senhor! Triste cousa é ser viuva! Quando eu tinha marido, toda a gente me respeitava, me dispensava consideração.

Enxugou uma lagrima:

— Agora, até papae Noel, um velho que sempre foi sério, fica sem-vergonha, e faz uma cousa d'estas commigo!...

CYRO MALLET



Avaliem quanto não está soffrendo physica e moralmente esta creatura !

Todos os seus esforços para dominar os accessos de tosse, resultam em accessos mais fortes !

Ella tem a impressão de estar sendo alvo de centenas de olhares de censura ; de ver em redor physionomias irritadas, exprimindo o desagrado, o aborrecimento de pessoas que se vêm perturbadas em seu trabalho ou em seu prazer.

Entretanto isso é tão facil de evitar !

Em todos os casos de bronchite, tosse, oppressão, dores no peito, rouquidão, catharro o

BROMIL

é o remedio indicado. Elle acalma rapidamente os accessos de tosse e desinfecta os orgãos respiratorios.



**NUNCA DEIXE DE TER EM CASA UM VIDRO DE BROMIL
PARA OS CASOS DE UM ACCESSO SUBITO DE TOSSE.**

Director: Conselheiro XX

ANNO V N. 255

RIO DE JANEIRO, 25 DE DEZEMBRO DE 1926

JURUPARARY

O coronel Bellarmino Tavares, do Corpo de Engenheiros, pertencia ao numero d'aquelles officiaes antigos, e de fama celebrada, cujo coração oscillava entre Venus e Marte. Se a gloria, a lucta, o sangue, os feitos de engenharia guerreira ou de tactica militar preoccupavam o seu espirito, não era menor o tempo, nem inferiores os cuidados, que votava ás mulheres.

Alto, magro, bigode grisalho, pelle tostada do sol, a impressão que dava com os seus olhos negros e os seus dentes magnificos era a de um colonial francez, ou, então, de um arabe civilizado, coronel de Mustaphá Kemal.

Foi com essa physionomia significativa, coberto de suor e de poeira, que o despedido official chegou ao posto de Taquara, nas cabeceiras do Juruema. Encarregado de levantar a carta do lago Salinas, entre esse rio e o Arinos, attingira aquellas alturas após dezoito dias de viagem penosa, arrastando, quasi, os animaes pela estrada destruida. Ao fim d'aquella primeira phase de peregrinação encontrava, porém, o rancho telegraphico do tenente Ventura, o qual era, podia-se dizer, um oasis de areia naquelle immenso deserto verde.

Logo ao chegar, o que primeiro feriu a attenção do coronel Bellarmino foi, contudo, a cara morena e gorda da india moça que servia ao tenente. Vestida summariamente com uma especie de tunica de algodão amarrada á cintura, a selvagem era, naquellas paragens, um pedaço de queijo offerecido aos famintos. E um d'esses famintos era bem o coronel de engenheiros, o qual sentiu um arrepio de felicidade quando, momentos depois, o tenente Ventura lhe perguntou se queria tomar banho e mudar de roupa, fallando-lhe

com enthusiasmo numa cascata que ficava a cinquenta metros do rancho.

— Vamos lá com isso! — acceitou o official, pondo-se de ceroulas, e passando ao hombro uma toalha, unica talvez, naquellas duzentas leguas em torno.

— Juruparary vae ensinar-lhe onde é a cascata, coronel, — adeantou o tenente.

E virando-se para a india, ordenou-lhe, no dialecto da tribu, que levasse o official á pequena cachoeira existente perto do posto.

A noite estava sem lua, mas tal era o cardume de estrellas que se via perfeitamente o caminho. E era por este que iam a india e o coronel, aquella adiante, este atraz, quando a dez metros da cascata o official atirou a toalha para um lado, e, num salto, segurou pelo pescoço a selvagem, roçando-lhe freneticamente a bigodeira pelas espaldas.

Meia hora depois, sentados á tosea mesa do rancho, o coronel e o tenente conversavam, enquanto cejavam, sobre a vida naquelles regiões.

— Felizmente — atalhou o coronel, — você tem aqui uma indiasinha bem soffrivel!

— India, não, — corrigiu o tenente; — é indio.

— Que é que você me diz? — grita o velho official, dando uma palmada na mesa. — Então, Juruparary é homem?

— E', sim senhor, coronel, — affirmou, serio, o tenente.

— Ah, meu filho, — riu Bellarmino Tavares, achando graça no caso; — a informação chegou tarde!

E preocupado:

— Mas, também, por que aquelle desgraçado não me disse?

CONSELHEIRO XX

O "Esperança" por Menotti del Picchia

Quando Alipio morreu — Alipio Ferreira Canuto, autor dos "Primeiros Anhelos", "Os arrufos", "Mariposas", livros esses de chorume, e mais versos esparsos — seus parentes, que, como é natural, o imaginavam um genio, procuraram na sua secretaria alguma obra inédita. Entre alguns milhares dos seus volumes — não se vendiam as obras de Alipio! — acharam apenas estas tiras auto-biographicas, exotico testamento literario, com um cheiro profundamente nacional. Vão assim fragmentarias e desco-sidas, tal qual no original se continham:

"Publiquei em 87 os "Primeiros Anhelos". Versos frouxos: brizas, luars, suspiros, rouxi-nões, neve... Reflexos de Musset e Lamarti-ne, bem aguados, confesso. Até "neves" e "rouxinões", cousas aliás pouco brasileiras, ca-hiam e cantavam, nessas rimas. Empubescido de tiorba, em punho, mal vi nas montras o li-vro, quente ainda de prélo, senti cá, nos re-fegos da alma, cócegas de immortalidade.

Corria as livrarias á tardinha:

— E os "Anhelos" ?

— Por ahi..."

O caixeiro dizia isto com uma indifferen-ça execravel. Eu tinha ancias de esganal-o. Pois era assim que se tratava um poeta do meu

cunho? Quanto ao descaso do publico, eu o justificava com o silencio dos jornaes. — "Quen-do a critica falla!... — eu pensava. A critica falou: "O sr. Alipio é uma espe-rança..." Exultei! E meus amigos os da minha tertulia, berravam:

"E's uma esperan-ça! E's uma bella esperança!..."

Já era ser alguma cousa, ou melhor, muita. Imaginem: si eu começasse por ser uma desillusão.

Arreei Pegaso com um arção de rimas douro e trotei para o Parnaso. Dois an-nos galopei, cami-nho do Pindo, es-crevendo e s s a s cousas definitivas e heroicas que são os "Arrufos". Nes-se segundo livro, potente de technica cegante de imagens punha eu a fé das realisações defi-nitivas. Sahiu quatro annos depois dos "Anhelos", obra pa-

ciente de buril e cepillo. Já eu era conhecido por "esperança" nas rodas literarias da provincia. Não mandará á então Côrte o primeiro fructo que cahi-ra do meu estro "Arrufos" sahiram em 1903. O mesmo descaso dos leitores; o mesmo refranzir de labios do caixeiro: — E os "Arrufos" ?

— Estão ahi...

— Ah! a critica! Esperemos a critica! —

Disseram os jornaes: "O sr. Alipio, dos "Arru-fos", é uma bella esperança..." Desta feita fiquei livido: rangi os dentes como um catêto e tive ganas de berrar, pelas secções-livres, que os criticos eram umas bestas! E' essa, geral-mente, a vingança dos autores...

Mas já o appellido pegára. Nas camari-lhas amigas eu ganhára, como uma consagra-ção inappellavel, o pseudonymo de "Esperança".

"— Lá vem o "Esperança!" — "Estive hoje com o "Esperança..."

Deixei correr o tempo. Tomei de novo a lyra; 15 annos gastei para compor e limar as "Mariposas", obra de uma velhice tranquilla. As cãs calearam-me os poucos cabellos que me não cahiram ao craneo, já calvo. Com 55 annos feitos, na posse integral das minhas for-ças, publiquei as "Mariposas". E, no Rio de Janeiro, onde eu espalhara fartamente a obra, li, com

pasmo, num roda-pé esta cousa tre-menda:

"—Recebemos as "Mariposas", livro de versos do sr. Alipio Canuto. O autor, que certa-mente estrêa com estes versos inge-nuos e simples, de-ve ser muito moço ainda. E', entre-tanto, uma bella "esperança..."

Nesse dia tive a primeira congestão cerebral, que se re-peti no dia em que noutro jornal, eu lia mais ou menos a mesma cousa... E como temo não re-sistir ás terceiras--congestão e critica — escrevo estas memorias..."

Alipio morreu da congestão definiti-va no dia em que, em S. Paulo, falan-do das Mariposas, uma folha dizia que elle era uma das mais bellas "espe-ranças" literarias do paiz!

Quantos Canutos ha nas nossas letras...

A SEMANA DO MARINHEIRO



A' semelhança do que succedeu no «Dia da Margarida», a cidade mo-vementou-se alegre com a inauguração da «Semana do Marinheiro». Na gravura vê-se um gracioso grupo de senhoritas, vendendo medalhas em be-neficio da «Casa de Marcilio Dias».

Os vizinhos do Leoncio de Borba Gatto

Quando o Leoncio Boanerges alugou o quarto n.º 71 do "Hotel Ramiro", não se esqueceu de perguntar, como homem que sofre de insomnias, quem eram os seus vizinhos.

— O n.º 69 está desoccupado, donator, — informou o gerente; — e no 73 quem está actualmente é um casal que chegou de manhã.

— Família? — insistiu.

— Sim, senhor. Creio até que estão casados de novo.

A' noite, após o jantar, o rapaz que alli estava unicamente para repousar saiu a passear pela praia, tomando fresco. Adeante, ouvindo tocar uma campainha numa grande porta illuminada, viu que era um cinema, e entrou. E eram já mais de onze e meia quando tornou ao Hotel, tomando, pouco depois, o caminho do seu quarto.

Retemperado, embora, pela deliciosa viração que vinha do mar, não dormiu logo; e estava já no leito, disposto a isso quando, pouco depois da meia-noite, ouviu, partido do quarto visido, uma voz de homem que dizia, num convite:

— Agora... Vamos... Agora, os dois!... Os dois de uma vez!...

— Mau, mau! — exclamou, aborrecido, o Leoncio. — Se esta brincadeira vae até de manhã, estamos mal!

Meia hora depois, no silencio da noite, lá vinha do quarto, no mesmo tom, a mesma voz nas mesmas palavras:

— Agora... Vamos... Os dois... Já!... Os dois de uma vez!...

— Já se viu que sorte a minha? — gemeu, aborrecido, o Leoncio. — Era só o que faltava!...

Encheu-se, porém, de esperança.

— Vamos ver se agora socegam...

A's tres horas da manhã, ia, emfim, adormecendo, quando ouviu mais uma vez:

— Agora... Já... Vamos!... Os dois de uma vez!...

De um pulo, descalço, os olhos injectados de raiva, o Leoncio poz-se de pé no meio do aposento. Correu á janella, abriu-a, galgou-a, saltou para o quarto vizinho, e no escuro mesmo, investiu, furioso.

— Cavalheiro... Madame... — foi exclamando.

E como quem não se contém mais:

— Agora... Vamos... Os tres, de uma vez!...

THEATROS DO RIO



LUIZA FONSECA

"bancando" o gato no Theatro Recreio.

BORBA

GATTO

FIGURAS NACIONAES

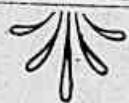


LYRA CASTRO

Ilustre oculista encarregado de velar pelo
ôlho... da couve.

Figuras Nacionais

Lyra Castro



A' semelhança do que acontecia no sul, o extremo norte do Brasil não podia supportar mais, depois de 1880, o regimen monarchico. Educada ao influxo de mestres democratas, de espiritos embebidos das idéas mais avançadas, providas do Velho Mundo, a mocidade sentia necessidade de novos horizontes, e batia-se pela sua conquista. E entre os centros de propagandas mais efficiente, estava o Pará, onde o progresso economico auxiliava a eclosão do sentimento revolucionario.

O chefe d'esse movimento era, sem duvida, Paes de Carvalho. Ao lado d'elle havia, porém, todo um exercito de entusiastas, no qual se viam Lauro Sodré, Serzedello, Manoel Barata, Indio do Brasil, uns nascidos na provincia, outros nella residentes pelas perseguições que soffriam na Côrte.

Geminiano de Lyra Castro era d'esse tempo e d'esse grupo. Diplomado pela Bahia e exercendo a clinica longamente, era, pela sua profissão e pelas suas relações, um excellente elemento de propaganda. E assim foi que, a 16 de novembro de 1889, se viu incluído no rol dos "homens do dia", chamado a tomar um posto entre os companheiros por ocasião da organização do governo.

Retrahido por indole, habituado a attitudes discretas e aristocraticas, o moço paraense não era, evidentemente, um nome votado á popularidade. Possuindo grandes bens de fortuna, essa circumstancia era, ainda, um obstaculo á sympathia do povo. Não a cortejava, nem a pedia. D'ahi, naturalmente, a situação em que se deixou, no momento em que os companheiros tomavam conta do poder, distribuindo entre si os cargos de maior relevo, desde o governo do Estado até os logares na Constituinte.

Os seus direitos eram, porém, liquidos demais para que fossem desconhecidos. Normalizadas as cousas, foram-lhe destinados varios logares no Estado, de onde, então, não se queria afastar. Primeiro, fizeram-n'o deputado estadual e, logo, presidente da Camara; em seguida, senador, e, logo, vice-governador, mandato que exerceu num impedimento do governador effectivo. Até que, em 1910, foi eleito para a Camara Federal.

A vida parlamentar não foi, todavia, jamais, a vocação do politico paraense. Ha nelle mais um homem de trabalho do que um homem de palavras. O seu senso pratico é espantoso, com a circumstancia de patentear-se sem alarde, sem barulho.

— O Lyra Castro é o politico-peru'a mais

caracteristico que eu conheço, — costumava dizer o velho senador Antonio Lemos.

E definia:

— Em politica ha o homem-peru'a e o homem-gallinha. A peru'a bota o ôvo, um ôvo grande, e sae do ninho caladinha, sem ninguem dar por isso; a gallinha, não: a gallinha põe um ôvo pequeno, mas faz um barulho dos diabos, chamando a attenção de todo o mundo para o grande acontecimento.

E repetia:

— O Lyra Castro é a peru'a da bancada!

Do seu senso pratico, dava idéa, ao mesmo tempo, o augmento consideravel da sua fortuna. Casado em primeiras nupcias com uma filha do Dr. Capper, coube-lhe em inventario a formula das famosas pilulas d'esse nome. Outro, com a sua fortuna, teria vendido a formula ou deixado de parte a receita; elle, não: atirou-se a preparal-a, a exploral-a, iniciando uma propaganda intensa, a ponto de fazer d'esse producto pharmaceutico nova fonte de riqueza. Especialista em molestia de olhos, é formula sua tambem, o "Collyrio Amarello", medicamento que, cahindo em gottas no ôlho do enfermo, fa correr para o seu bolso uma verdadeira torrente de dinheiro.

Proprietario de fazendas na ilha de Marajó o Dr. Lyra Castro, enquanto os doentes tinham o seu "Collyrio" no ôlho, tinha o ôlho nas suas propriedades. Entusiasta da industria pastor iniciou, no Estado, o cruzamento de raças, conseguindo exemplares mixtos de grande belleza e vantagem commercial.

— Boi do Dr. Lyra Castro tem cinco quatos! — costumam dizer os fazendeiros mais joaras, commentando o rendimento do seu gado de côrte.

Arrastado para essas questões, o politico paraense foi, pouco a pouco, abandonando a clinica, trocando, assim, o homem pelo boi, e, na agricultura, a batata da perna pela batata dô. Especializou-se nesse ramo de economia, entrando para a Commissão de Agricultura da Camara foi eleito presidente da Sociedade Nacional Agricultura, fez-se, enfim, uma summidade.

Essas razões todas levaram o sr. Washington Luis a fazel-o ministro. Tendo lido, uma vez, uma exposição em que o Dr. Lyra Castro discutia o problema agro-pecuario do Brasil candidato á presidencia da Republica declarou:

— "Ecce homo!"

O Brinde POR BATU-ALLAH

O automóvel da viscondessa de Sacavém, Maria Antonietta Borges de Oliveira Sacavém, subia em marcha lenta a estrada de rodagem Rio-Petropolis. Na sua velocidade regular, o carro havia vencido a Baixada, e iniciava, agora, em zigue-zagues longos e mais de vagar, a subida da serra, quando, de repente, parou.

— Que é isso, Martinho? — indagou, de dentro, a fidalga.

— Não sei ainda, madame; vou ver.

Abrindo a caixa do motor, o "chauffeur" examinou a machina, nas suas particularidades. E como visse que o caso era mais sério do que suppunha, tirou as suas luvas de camurça cin-

meia-hora. Quebrou-se uma peça, e eu estou vendo se arranjo o meio de supril-a com outra.

Diante d'essa informação, a viscondessa desceu. Era uma mulher de quarenta e cinco annos mais ou menos. Alta, forte, rosto largo, patenteava em tudo, não obstante a maturidade, os traços da distincção. Os olhos, humedecidos por brilhantinas especiaes, eram-lhe negros e fulgurantes. Possuía bocca um pouco grande, mas de dentes bons, pintava-se com arte, e no que diz respeito á "toilette", vestia, ao mesmo tempo, com luxo e gosto.

Uma vez fora do carro, começou a illustre senhora a passear em torno, acompanhando o serviço. Até que, em certo momento, afastou-se um pouco pela estrada, entrando no matto. Vendo-se sosinho, o Martinho aproveitou a oportunidade, interrompeu o concerto, e, suppondo a patrãoa longe, enfiou tambem por entre a ramaria baixa, afim de satisfazer uma pequena necessidade. Chegando junto a uma pedra coberta de musgo, poz-se á vontade, e, de pé, olhando os ramos que se enlaçavam em torno, desafogou-se. E o matto, em roda, repetiu o ruido do seu prazer:

— Chó-ró-ró-ró-ró-ró-ró...

O "chauffeur" encantava-se, elle mesmo, com esse barulho de agua corrente, quando ouviu, do outro lado da pedra, barulho identico:

— Chó-ró-ró-ró-ró-ró-ró...

Afastou um pouco as ramagens, deu com os olhos na Viscondessa, que, acocorada, as saias tufadas em torno, apoiada na sombrinha, desafogava-se do mesmo tormento, gozando a mesma delicia á custa da mesma necessidade.

Mulher de espirito, ao dar com o Martinho, Maria Antonietta não se affligiu. Deteve, apenas, por um segundo, o ruido d'agua corrente, e exclamou:

— A' tua saude, Martinho!

E reatou o serviço:

— Chó-ró-ró-ró-ró-ró...

O "chauffeur" imitou-a, na gentileza: interrompeu-se tambem por um instante, e respondeu:

— A' saude de V. Excia., sra. Viscondessa!

E recommçou:

— Chó-ró-ró-ró-ró-ró...

Por essa altura, foi o "chauffeur" interrompido, de novo:

— Martinho?... Martinho?...

— A's ordens, sra. Viscondessa.

E a fidalga:

— Vamos... tocar as taças?...

NO ATELIER



— Eu ando atraz de um modelo para pintar a Liberdade...

— Pois, olhe: se quizer, pode tomar todas as "liberdades" commigo...

zenta, despiu o dolman da mesma côr, e mergulhou, de costas na terra, por baixo do vehiculo. Ao sair de sob o carro uma das vezes, informou á patrãoa:

— Se madame quizer apeiar-se um bocadinho, pode apeiar-se.

— Vae demorar muito?

— Parece que sim, madame; pelo menos

— Batu-Allah —

A minha colaboração DE ROSITA MARTINEZ

Hoje em dia já não pode a gente usar, na conversação, de certas palavras, cujo emprego a maledicência viciou. E' preciso, pois, muito cuidado, para não se cahir no ridiculo, como me aconteceu uma vez. O caso passou-se na casa de uma conhecida minha, em Copacabana. Estavamos eu e alguns convidados, entre os quaes uma meia duzia de almofadinhas, sentados á mesa, jantando, quando uma forte ventania começou a soprar.

— Isto aqui é commum, — disse a dona da casa.

Eu, para lhe ser agradavel, ajuntei:

— Ha, mesmo, muito fresco aqui...

Foi o bastante. Os almofadinhas todos abafaram o riso com o guardanapo...

+

Uma destas tardes, na Avenida, estava eu num grupo illustre de musicistas. Conversando-se sobre musica, alguém me perguntou se eu tocava piano.

— Toco, sim, — respondi.

Um malicioso, junto a mim, propoz-me logo, baixinho:

— Vamos ao cinema, hein?...

+

Acontecem-nos, ás vezes, certas coisas, que contadas, ninguém acredita. Commigo, então, dá-se cada uma.... Ora vejam esta. Foi no bonde de Ipanema, já pela altura de Botafogo. Um velho, sim senhores, um velho, não se fez de engraçado, roçando a sua perna na minha? A principio, para não dar escandalo, supportei, calada. Depois como a coisa fosse augmentando, disparetei:

— Tire a sua perna d'ahi, — pedi, energica.

— Por que?

— Olhe que eu grito!...

— Não faça isso, por amor de minha mulher... — implorou-me, quasi chorando.

E sem um pinga de vergonha:

— Deixe que eu abra o appetite para chegar em casa com fome...

+

O bonde da Light vinha em disparada pela avenida Gomes Freire. Subito, parte-se, ao meio, a alavanca. O bonde pára, immediatamente, e o motoneiro sobe ao tecto, procurando concertal-a. Nada. Depois chega uma outra lança. Estão os homens na azafama, ha muito tempo, sem conseguir, todavia, metter a nova

alavanca no respectivo logar. Uma multidão de curiosos estaciona ao largo. Eu faço parte tambem dessa gente. O conductor e o motoneiro trabalham, lá em cima, sem resultado. A alavanca, não sei porque artes do Diabo, não entra. Um rapazola, ao meu lado, pergunta, então, a um seu companheiro:

— Por que elles não passam vaselina?

Eu ri sem querer, tapando o riso com a mão espalmada sobre a bocca e escondendo os olhos, vexada...

+

Após a sessão cinematographica do Gloria,

BOAS "FESTAS"...



— Eu vou collocar meu sapato á janella, mas vou pôr junto um vidro de vaselina... Senão, o que eu quero... não entra no sapato!...

onde fui assistir á passagem do "film" de Rodolpho Valentino, notei, já na rua, que um rapaz me olhava com uns olhos tão ternos como os daquelle fallecido artista. Não me contive e fallei-lhe:

— O sr. tambem é Rodolpho... Vaselina?

— Não senhora, respondeu-me.

E intencionalmente:

— Eu "sô"... Mello...

Rosita Martinez



Festejando mais um anniversario da sua fundação, o Club São Christovam levou a effeito uma série de festas, cada qual mais alegre e encantadora. E entre ellas esteve esta, em que o elemento feminino do Club ergue a taça pela sua prosperidade.

PAGINAS ESQUECIDAS
(1886)

Os seios de RODRIGO OCTAVIO

Um descuido feliz: deixaste aberto
Um pouco o teu penteador, por onde
Viram meus olhos, ávidos, de perto
Esse thesouro que a cambraia esconde.

E nem desconfiavas. Que indiscreto
Não fui, mas como não me foi gostoso.
Aquelle instante de prazer secreto
De gozo celestial, de intenso gozo.

Incendidos de amor, turvos de enleio,
Viram meus olhos, quadro deslumbrante,
O marmore animado do teu seio.

Lembrei-me então de um quadro da Escriptura,
Suzana — surprehendida, provocante,
A banhar-se na lymphá que murmura.

RODRIGO OCTAVIO

Calor Tropical de LOUIS RODOLPHO

Este calôr escalda as minhas veias !
Os nervos cedem... Perco meu dominio
Sobre mim mesmo ! E qual romano Plinio
Sinto asphixiar em labaredas cheias !...

A's vezes eu pergunto: — "Alma, que anseias?
Não vês que alcanças breve o teu decl'nio?"
"Assim o quero" — diz — "meu vaticinio
Triumphou, desvairando-te as ideias !"

A's vezes, fico em prostação enorme:
Minha alma está sonhando e o corpo dorme
Ao mormaço implacavel e sensual...

O calôr de verão tudo entorpece,
Até mesmo o ar parado se elanguesce
Vencido pelo dia tropical !

LOUIS RODOLPHO

O "Arranha-céu" por Braga Sobrinho

O tenente Fabricio, aquelle admiravel Fabricio Lopes que bateu os rebeldes nove vezes no Rio Grande, era, além de um militar de coragem, um homem de espirito. Sobre essas vantagens possuia ainda a de ser um rapagão, cuja musculatura de atleta o tornava capaz de abater, com um simples murro, um homem ou um boi.

E tudo, nelle, estava na relação da sua força. A mão não era mão: era manopla; seu braço não era braço: era clava. E quando avançava com essa clava e essa manopla para cima de um inimigo, era como se o Pão de Assucar creasse pés e marchasse, sozinho, para arrastar um penedo insignificante.

Tudo nelle era, em summa, proporcional. Seus olhos pareciam dois holophotes, seu nariz um forno, seu peito uma muralha, seu umbigo um poço, e assim por diante.

Certo dia, estava o tenente Fabricio em trajo de banho na praia de Copacabana, quando notou que uma velhota americana, de pelle tostada como casca de camarão cosido, começou a attentar para a sua pessoa. Trajando um "maillot" verde, a "girl" madura patenteava aos olhos do official toda a sua anatomia, cuja segurança de linhas denunciava a influencia

da gymnastica na sua lucta com o tempo. As pernas eram ainda elegantes, o ventre sumido, e os seios mais ou menos equilibrados à altura em que os conserva a mocidade. A cara, porém, era uma ruína.

Vendo-se examinado, analysado de cima abaixo, resolveu o militar pagar na mesma moeda. E em breve estavam conversando com certa intimidade, sem prejuizo do devido respeito.

Residindo no paiz ha pouco tempo, "miss"

Eitel conhecia a lingua ainda deficientemente. E d'ahi o interesse com que principiou a indagar do rapaz, ao mesmo tempo que lhe indicava certas partes do corpo:

— E isso, como se chama?

— Cabeça.

— E isso?

— Bocca.

— E isso?

— Pescoço.

— E isso?

— Peito.

— E isso, senhor?

— Barriga.

— E isso?

Diante da desenvoltura da americana, o rapaz quiz dizer uma coisa inconveniente. Preferiu, porém, uma redundancia.

— Isso, madame... — declarou — Isso é o que os americanos chamam...

— ?...

— "Arranha-céu".

ESCLARECIMENTOS DA ÉPOCA



— Aqui estão as suas "festas", madame!

— "Festas"? ... O senhor vem trazel-as ou vem "fazel-as"?

BRAGA

SOBRINHO

PRAIA DE COPACABANA



Fugindo ao photographo...

Sonata de Cupido

Fui ao baile solemne, realizado
No palacete do capitalista,
No qual, publicamente apresentado
Foi um famoso e joven musicista.

Arrancando harmonias do teclado,
Revelou-se habilissimo o pianista...
E, ao fim, vibrante applauso prolongado
Recompensou-lhe o merito de artista.

Certa dama interroga-me á janella:

— “O Dr. não concorda que é mais bella
A musica do amor, do coração?”

— Sim, — respondi-lhe — é magica, é divina
E d'ffere das outras, pois termina
As mais das vezes pela... “introducção”...

LEOPOLDO BRAGA

Os amores do Pastor

O reverendo pastor Wilhelm Hull, cuja gravidade é um dos orgulhos da cidade de Holyhead, no Paiz de Gales, chega com a esposa, “mistress” Hull, a uma aldeia de Irlanda, e hospeda-se numa estalagem. Curiosos do regimem de vida, os naturares do paiz resolvem vigiar dia e noite o virtuoso discipulo de Luthero.

Passa-se a primeira noite. Passa-se a primeira semana. Após dez dias de permanencia na estalagem, ouve-se, enfim, por volta da meia noite, a voz branda do pastor:

— Ellen, minha mulher?

— Wilhelm, meu marido? — correspondeu a esposa.

— Podes fazer-me o favor de tomar a posição conjugal?

— Pois, não, Wilhelm, meu marido.

Passam-se dez minutos de silencio. E ao fim delles, a voz do pastor:

— Obrigado, Ellen!

JOHN SMITH



Entre a agua e a sombra...

O Humorismo nos Estados
(Pernambuco)

Os Pães POR Mario Sette

Agostinho Sereno volta do trabalho, mette-se no Pyjama e manda tirar o jantar.
A esposa, antes de sentar-se á mesa, reclama os pães da tarde.

ELLA. — Esqueceste hoje os pães, Agostinho?

ELLE. — Não. Trouxe-os. Procura junto ao jornal.

ELLA. — Aqui, só tem o Pequeno e o remédio da Joanninha.

ELLE. — E' impossível — Eu comprei, tenho certeza. Dois pães de tostão. Estavam até quentes!

ELLA. — Então, esqueceste no bonde. Essa tua cabeça! Lembras-te daquellas fazendas que deixaste no trem, quando moravamos no Monteiro?

ELLE. — Qual! Você é que não sabe procurar. Vou dar uma busca.

(Remexe gavetas, vasos da sala, moveis, debalde).

ELLA. — (ironica). — Achaste? Dá cá...

ELLE. — (desapontado, quebrando a cabeça). — Mas senhor, onde teriam ficado esses pães!!

ELLA. — Quem sabe si o Juquinha não engoliu o embrulho? Elle bota tudo na bocca...

ELLE. — Era o que faltava! A gente jantar assim! Do de manhã não ficou algum pedaço?

ELLA. — Temos bolachas, queres?

ELLE. — Que geito! Traze. Que diabo de embrulho.

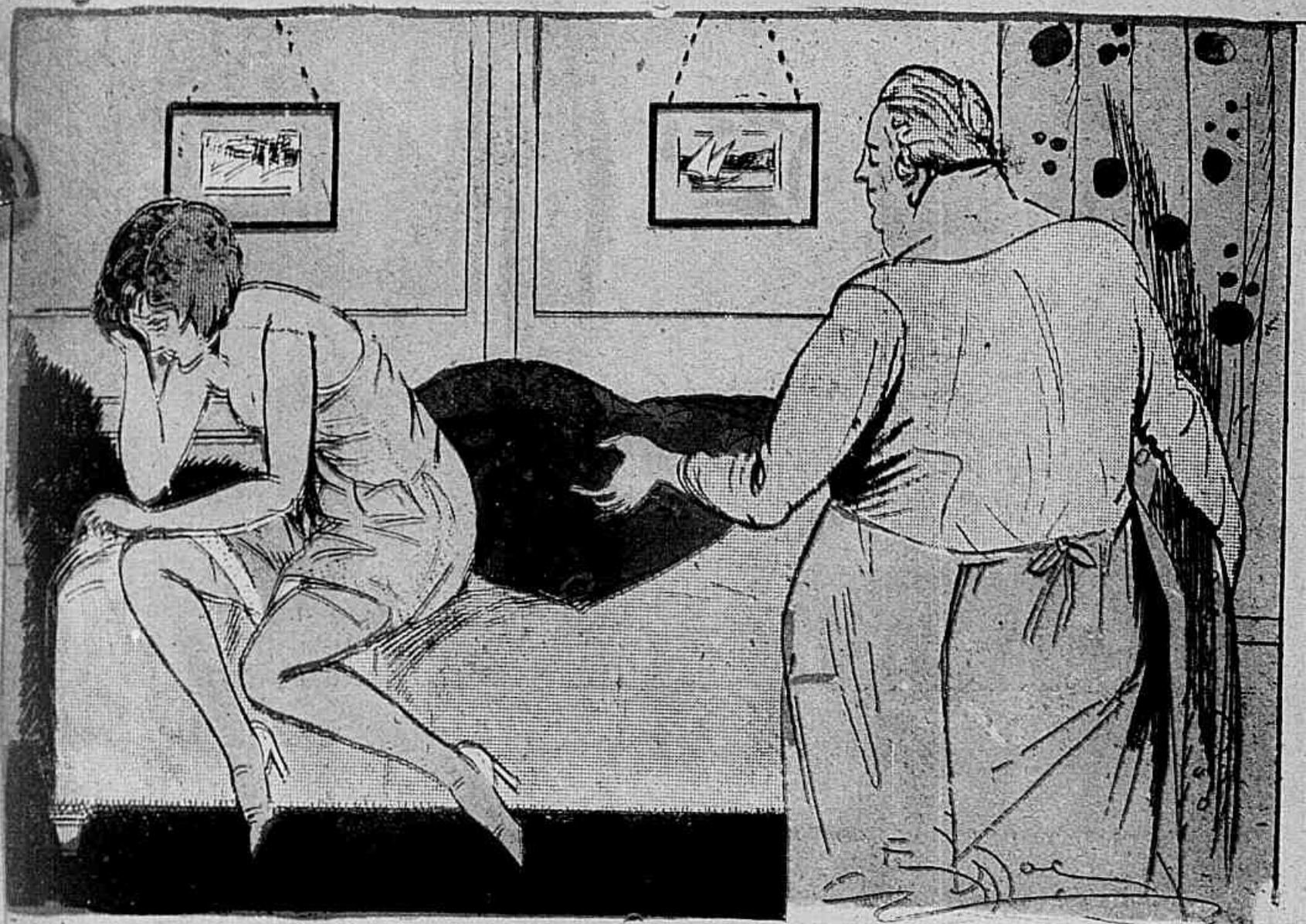
ELLA. — Agostinho, cala a bocca. Não digas asneiras. Pão é de Nosso Senhor...

Jantam vagarosamente. Depois do café, querendo accender o cigarro, Agostinho Sereno procura os phosphoros no collete. Sacca um pequeno embrulho...

ELLE. — (triumphante). — Eu não te disse! Aqui estão os pães! Todos os dois! Por descuido, metti-os no bolso do relógio...

Mario Sette

TROCO CERTO



- És uma idiota! Cahires nos braços de um valdevinos por dois contos de réis!
 Tu não tinhas tres contos na gaveta da mesa de cabeceira?
 — Tinha, sim, senhora.
 — E então?
 — Elle me deu um cheque de cinco e eu lhe dei os tres!...

O HUMORISMO NOS ESTADOS (BAHIA)

Fama sem proveito de Leopoldo Braga

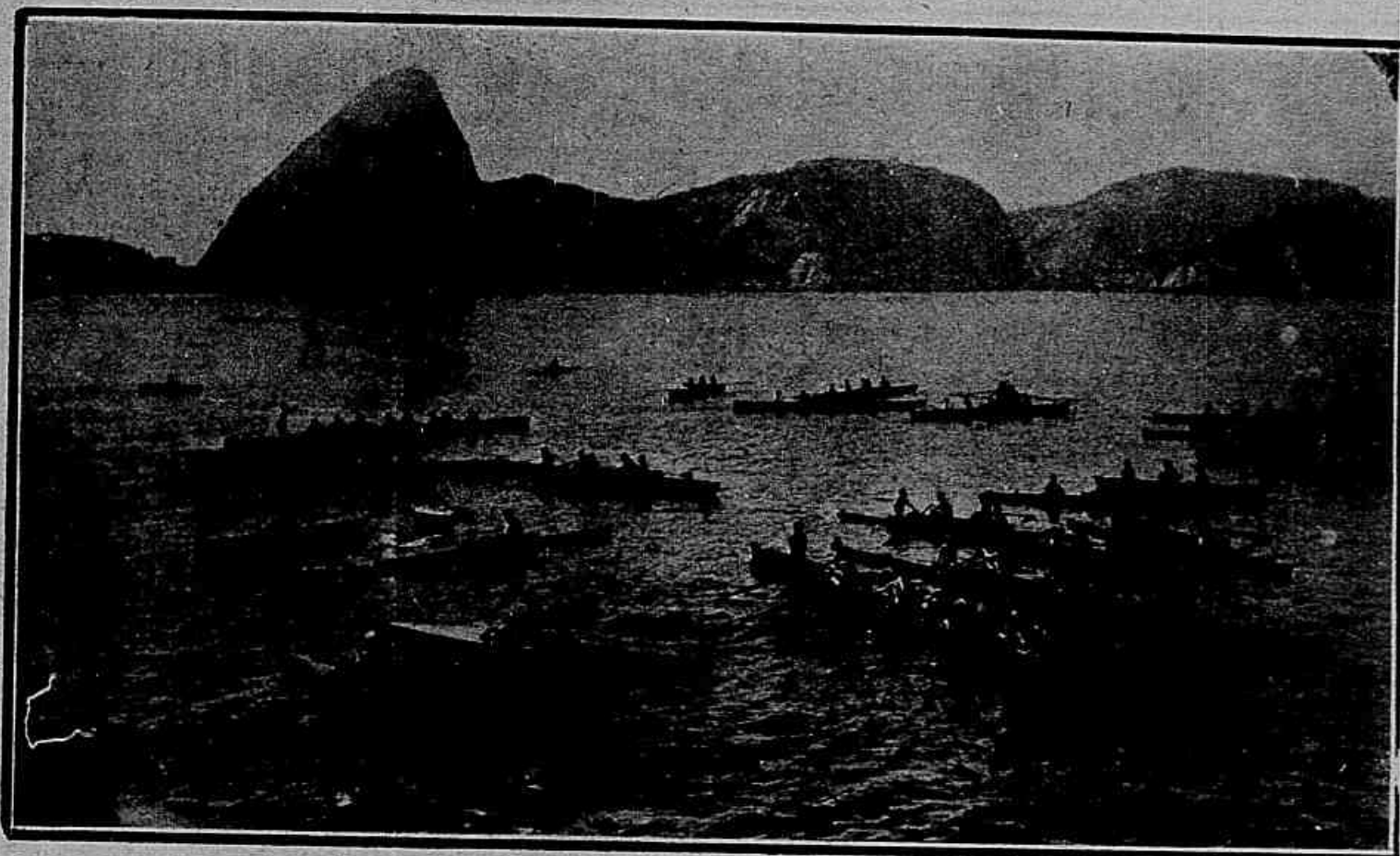
Falam de ti, meu bem? E isso que importa?
 De quem é que no mundo não se fala?
 Achas que eu devo ir de porta em porta
 Metter nos faladores a bengala?

A má lingua do povo tambem corta
 A mim, sem dó nem compaixão... Deixa-a!
 Não me exaspera nem me desconforta
 Essa maledicencia que te rala.

Se não querem deixar que nos amemos
 Os devotos do estulto preconceito,
 Cujos botes nós dois nunca tememos,

Dá-me essa bocca, entrega-me teu peito,
 Façamos o que dizem que fazemos...
 — Queres levar a fama sem proveito?

LEOPOLDO BRAGA



Em honra de S. Excia. o sr. dr. Washington Luis, presidente da Republica, as sociedades nauticas levaram a effeito uma revista, que foi uma linda festa no mar. A gravura acima registra o acontecimento, apanhando um grupo de embarcações.

PAGINA

PORTUGUEZA

Bôas Festas a V. Exa. por André Brum

Praxedes está sentado á mesa da casa de jantar. Sobre o oleado, em carreirinhas de dez, estão a seccar numerosos sobrescriptos. D'um lado, o Quico, com dois centímetros de lingua de fóra exerce os primores da sua caligraphia, pondo successivos b. f. em cartões, onde se lê o nome de seu pae, sua funcção no ministerio e a sua morada com omissão do andar para dar a impressão de que habita um predio inteiro. Na outra margem da mesa, a Fifi com a sua letra crusada de inglesa vae escrevendo as direcções. D. Genoveva, mãe dos filhos de Praxedes, poz os olhos para pegar as estampilhas. Praxedes recapitula:

— “Bem... O Affonso Costa já está. Não o conheço; mas é sempre bom. O chefe da repartição... Um talassão indecente; mas emfim, é preciso... Os collegas... Não gostam de mim, mas eu tambem não gosto d'elles. Fica uma coisa pela outra e vive-se em boa harmonia.... O professor do Quico... Não é lá grande prenda; mas é capaz de reprovar cá o cavalheiro... Muito custa a educar um filho!... A mestra de piano da Fifi... Coitada, é bôa creatura e de-

vem-se-lhe umas lições... O meu compadre... Um maroto, que tem dinheiro e nunca é capaz de dar um fatinho ao afilhado... Qualquer dia morre — que o leve o diabo! — e verão que não deixa nada á creança; mas emfim... O homem da tenda... O dono da padaria... Enriquecem á minha custa, envenenam-me a familia; mas sem elles e as drogas que vendem não se vive... Os Barbosas, que convidam a gente para jantar no dia de entrudo. O pae andou commigo no collegio, tem-me feito favores, é um burro de sorte e estúpido como um jumento; mas vá lá... Ah! já me esquecia! A modista... tem lá aquella conta. Tambem, se não vir outro dinheiro, está tramada...

— Oh! papá, interrompe a Fifi. Não esqueça o sr. Linhares, que arranja os camarotes para a gente ir ao theatro...

— Desconfio muito que os rouba; mas já agora...

A sessão continua.

A N D R É B R U M

O "true" do hospedeiro POR Marcel Durand

Dona Ernestina chegara de S. Paulo com o marido, pelo nocturno de luxo, na semana passada, e fôra hospedar-se numa pensão da rua do Cattête, onde já era muito conhecida, pois ali sempre tomava commodos. Esta circunstancia explicava a intimidade que ella mantinha com o seu proprietario, um homem solteirão que gostava de mulheres casadas, porque, dizia elle, são as que menos perigo offerecem. O marido da formosa senhora vivia em S. Paulo, mas tinha negocios no Rio, e todas as vezes que voltava á sua terra lá carregava a esposa, a qual, apesar da massada, gostava immenso desses passeios. Ora estavam aqui, ora estavam lá. Desta vez, porém, contavam demorar algum tempo. Dona Ernestina

era uma mulher de tentar. Alta, esbelta, olhos vivos e penetrantes, um corpo bem feito e mulher na idade que Balzac preconizou como a melhor de todas as idades, a esposa do Pacheco tinha um desembaraço natural e captivante no falar e no tratar com qualquer pessoa. Muito gentil, muito solícita, davam na vista de todo mundo as suas maneiras não peculiares a uma mulher casada. De uma feita, conversando no salão, com uns rapazes estudantes, hospedes como ella, passou o braço no pescoço de um para mostrar como os caipiras, na sua terra, costumam fazer uso do "grampo", para derrubar o adversario na lucta. O estudante, preso pelo pescoço, procurou demonstrar como annullar facilmente a golpe, e tal geito fez, que o resultado foi ir de encontro á parede, machucando-se. Gargalhadas rebentaram. Dona Ernestina já não se podia aguentar nas pernas de tanto rir. Estavam, assim, divertidos, quando o dono da pensão a pilhou entre a estudantada, no meio da qual havia muitos piratas.

Suppoz que a causa daquellas risadas tinha sido algum gracejo picante.

Não disse nada, riu-se tambem, e depois que os outros se retiraram, chamou dona Ernestina, que já ia pelo corredor, e fel-a sentar-se junto a si, no sofá. Pegou-lhe das mãos e declarou-se.

A virtuosa senhora repeliu-o brandamente.

O hospedeiro, porém, a nada attendia. A um gesto ousado seu, dona Ernestina observou-o:

— Você sabe que já uma vez me aconteceu a mesma coisa com um engraçado, em Caxambu'.

— E' ?

— Sim senhor, proseguiu. A mesma coisa. Você sabe o que eu fiz? Pinteilhe o quadro negro de uma esposa adúltera. Mostrei-lhe a miséria de um gesto irreflectido, o que muitas vezes, nós, mulheres, commettemos por culpa dos homens. Esse engraçado, diante da minha recusa formal, transformou-se. E dias depois, na minha presença e de meu marido, dizia a este que Pacheco tinha uma mulher. Mais que mulher, uma verdadeira santa, cujo logar seria numa redoma. Meu marido exultou. E eu...

— E tu, gemeu o hospedeiro, alisando-lhe os braços, — tu... exultarás commigo... sim?...



Condecorando um transeunte

Marcel Durand

Distracção POR Lima de Madureira

Creio que em distracção e esquecimento
Não ha, talvez, por este mundo afóra,
Ninguém como a senhora
Do meu compadre Arthur do Nascimento.

Contou-me seu marido a esse respeito
Cousas que até fariam sensação
Condensadas em livro. E' o mais perfeito
Typo da distracção...

Nunca se viu alguém tão distraído...
Não tem rival, talvez:
Quando se esquece, até, de haver comido,
Então, come outra vez...

Sua casa é visinha á do vigario,
Um velho nedio e feio,
Devasso e folgazão, sem Deus, sem fé...
Padre que deixa ás moscas o "breviario"
E vive, de continuo, farto e cheio
De bôa pinga e unctado de rapé...

— "Ora veja" — dizia meu compadre —
"Minha mulher, — coitada! — esquece tanto
Que, quando sâe, de volta, a casa esquece
E — zás! — invade a casa, ahi, do padre;
Remexe-a canto a canto,
E lá se fica... Então, que lhe parece ?

— Olhe que não confunda elle commigo ?
— "Ah! não duvido! E' muito distrahida!
E a distracção é o diabo!

Uma feita... (é a verdade o que lhe digo)
Foi a hora, para mim, mais divertida:
Quasi que de mim mesmo eu dava cabo
De tanto rir... Conforme ia contando:
Uma feita, sahiu; ia decente,
Ia mesma de linda, fascinando:
Toda liláz... bolsa de mão... sombrinha
Azul... Não é, compadre, por ser minha
Mulher, mas provocava mesmo a gente...
Quando voltou..."

Aqui, começa, então,
Meu compadre a sorrir, a sorrir tanto
Que mal continha a gargalhada, enquanto
Ia desenvolvendo a narração.

— "Quando voltou.. que se despiu... não tinha
Uma das cousas que levou consigo...
Imagina o que era ?"

— "Era a sombrinha ?
A bolsa ?"

— "Eram as calças, meu amigo!"

LIMA DE MADUREIRA

THEATROS DO RIO



WANDA ROOMS

"A Capital"

com o seu bom gosto tradicional, que o publico tem sabido comprehender e recompensar com tanta sympathia, mandou vir para as Festas de Natal e Anno-Bom um riquissimo sortimento de objectos para presente, que pagou a cambio vantajosissimo. Essa circumstancia faz com que as vitrines das suas duas casas da Avenida sejam a mais sumptuosa exposiçao de artigos de gosto que se possa imaginar, e tudo isso por um preço que desafia qualquer competiçao. Nos seus mostruarios ricos, diante dos quaes o publico estaca diariamente para admirar, é sempre encontrado o mimo apropriado e que se deseja: a boneca para a filha, o brinquedo para o filho, a gravata para o amigo, a bolsa para a esposa, o leque e a perfumaria para a noiva, as mil pequeninas lembranças, em summa, valiosas pela originalidade, accessiveis pelo custo, encantadoras pela significação.

Antes de adquirir um mimo passae,
pois pela

"A Capital"

Convem

não esquecer que, de todas as medidas que o homem toma para conservação da sua saúde, a mais importante consiste no tratamento regular dos dentes. A boa conservação da bocca exerce sobre o estado geral uma influencia muito maior do que se pensa, como está sendo sempre demonstrado em novos e constantes estudos.

Para o tratamento dos dentes ser efficaz faz-se mister que se retire e destrua quotidianamente tudo o que occasiona a carie e a fermentação,

isto é, os germens que se formam diariamente na bocca e que são a causa da ruina do aparelho dentario. Impõe-se, portanto, a necessidade de tomar uma medida hygienica, capaz de eliminar taes germens ou de deter a sua acção damninha. Para a eliminação mechanica das impurezas adheridas aos dentes, serve, até certo ponto, a escova, mas só até certo ponto, pois a sua acção não pode attingir todos os recantos em que se depositam os germens nocivos, especialmente na mucosa da bocca e nos intersticios dos dentes.

E, por isso, necessario que se faça uso do Odol, que por ser um antiseptico liquido, penetra nos pontos mais occultos da bocca, destruindo e eliminando todos os elementos pathogenicos que nella se formam e occasionam a destruição dos dentes.

Conf. Lyra Castro

Na sua viagem ao norte, já eleito, verificou o sr. Washington os resultados da operosidade do sr. Lyra Castro. Os bois do sr. Lyra Castro eram os mais gordos. As suas pilulas, as de maior consumo. O seu "Collyrio" o de maior nomeada. A sua canna a de melhor caldo. As suas vaccas parem tres bezerros por anno e as suas gallinhas, as que botam menos, botam dois ovos por dia. Diante d'isso, o presidente mandou chamal-o, dois dias depois que aportou ao Rio.

— Dr. Lyra — disse-lhe, — eu dezejo que o senhor seja o meu ministro da Agricultura. Exijo apenas uma cousa.

E pausadamente:

— Faça de conta que o paiz é seu; cuide da agricultura como se cuidasse de coisa sua... Promette?

— Prometto! — jurou o representante paraense.

E o sr. Washington Luis ficou certo, e com elle a nação, de que a agricultura vae, mesmo, prosperar...

PLUTARCHO

TEUS OLHOS

Tira teu pé do sapato,
Bota no meu coração;
Meu affecto bateu azas
Cahiu nagua e fez — tim-bum!

Marquez de Verniz.
(X. X.)

×

— Disseram-me que vais casar-te, Luiza.
Aposto que o noivo é o teu primo Alfredo!
— Pois enganas-te. Gosto muto d'elle para consentir que seja meu marido.

×

EPITAPHIOS ANTIGOS

De um aviador

Esta sepultura encerra,
Sem que alguém a densancóre,
Uma alma que irá da terra
Assim que o tempo melhora...

X. X.

×

— Fiz com que a Laura me dissesse as qualidades por que me amava.
— E então?
— E vim a saber que não tenho qualidade nenhuma!

o desapontamento do padre por Paulo d'Almeirim

Havia festa de egreja, naquella dia, no villarejo. A praça, onde ficava o pequenino templo de S. Benedicto, apresentava um aspecto bizarro, toda enfeitada de bandeirolas de papel de seda, as quaes tremiam nervosamente ao leve soprar do vento norte. Espalhadas pelo largo, sob a poeira que se levantava de momento a momento, viam-se barracas rusticas, armadas toscamente de acapu' e com toldos de palha verdinha, apanhada, pelos caboclos, na vespera. Umam vendiam refrescos e fructas; n'outras rangiam moendas, expremendo cannas; outras, então, eram bazares de sorteio, com as prateleiras cheias de bugigangas, cuja venda redundava em beneficio do santo. Nestas ultimas gesticulavam typos de homens da cidade, especialmente contractados para, com a sua desenvoltura, fazerem a propaganda dos objectos, que alguns crentes offertaram e que eram vendidos por meio de "poules". A roleta attrahia gente, e enquanto rodava bulhentemente, uma chusma de olhos curiosos e esperançados acompanhava-lhe a rotação.

A's vezes, saia um felizardo, com uma daquellas quinquilharias na mão, afastando, empurrando a multidão, que o seguia, com os olhos, invejosa da sua sorte. Uma charanga local, a Philharmonica Ideal, cumpria a sua missão, desafiada mas garbosa pela farda vermelha dos musicos e pelo brilho dos instrumentos areados. Todos se mostravam satisfeitos com aquella boa alegria, que lhes proporcionava padre Fulgencio, um padre novo e forte, que fazia pouco Vieira tomar conta da parochia. E num instante, aquelle povo que se divertia, agora, bebendo ou aventurando na roleta, esquecera a má conduta do jovem servidor de Christo, sobre quem pezava a pecha de conquistador perigoso. Não era, na verdade, falso o que delle se dizia. No villarejo sabia-se que padre Fulgencio tinha por habito ou por vicio desencabeçar virgens. Foi, pois, com justificada desconfiança, que todos o receberam alli.

+

Padre Fulgencio era, sem duvida, um rapaz bonito. Forte, com o largo peito de athleta empinado para a frente, havia nelle esse encanto masculino pelo qual são doidas as mulheres, encanto esse que se traduz na rispidez dos gestos e na firmeza do andar.

Não obstante, era meigo junto dellas. A barba, sempre escanhoadada, assombreada-lhe o rosto, onde os olhos negros e vivos, como duas tochas, luziam activamente. Tratava bem do cabello, e da sua batina nova, espelhante, se evoluava um cheiro delicioso de perfume carissimo. Embora tivesse certeza de que procedia, assim,

em desaccordo com a ethica religiosa, padre Fulgencio não se incommodava, preocupado mais em agradar ás suas gentis parochianas, do que servir, sem uma falta, á sua profissão. Com elle veio, tambem, para o villarejo, o Roberto, seu sacristão de longo tempo, e, como elle, amante das mulheres bonitas. Esse Roberto era um finorio. Com o seu todo de manhoso, doce no fallar, conseguia tudo sem a menor difficuldade. O parochio estava-lhe nas mãos. Fazia deste o que queria. Pois que! Se sabia tanta coisa, tanta patranha do padre! E tudo o que sabia, contado, daria um bom lucro. No dia da festa, á hora dos preparativos, o Roberto entrou na sacristia para dizer ao padre Fulgencio que não o podia servir na missa solemne.

— Tem que servir! — declarou, num rompan-te, o parochio.

— Não posso, — disse o outro, mansamente. Se teimar descubro já o seu namoro com a filha do promotor...

Padre Fulgencio mudou, instantaneamente. De arrogante ficou humilde. Tinha medo da lingua do sacristão como a beata tem do diabo.

— Está bem. Arranja-se outro — concluiu.

+

E effectivamente, durante a missa, lá estava um filho da terra, bisonho e atrapalhado, virando as paginas do missal, ajoelhando, rapidamente, ao passar de um lado para o outro, e empunhando, desconfiado, o thuribulo, onde faiscavam brazas e de onde sahia, em fumarada, o incenso. O verdadeiro sacristão, no entanto, assistia á missa, commodamente sentado ao lado da namorada, uma moçoila de ancas desenvolvidas e seios volumosos. Padre Fulgencio, virando-se no altar, despedia olhares de rancor. Em dado momento, porém, notara certa anomalia, aliás explicada em Physiologia, na pessoa do seu remisso ajudante, cuja postura, dentro da egreja, era uma falta imperdoavel. Acabada a missa, fulo de raiva, padre Fulgencio chamou o Roberto e censurou-o acremente.

— Então você não respeita, homem. Na egreja é logar de amores?

— Não falle, padre, que outro dia você estava tambem assim, quando confessava a filha do promotor...

— Mas ninguem viu nem notou o que eu vi e notei em você com estes olhos... — fez, energico, padre Fulgencio.

— Ora tambem porque?!... — continuou o Roberto.

E cynicamente:

— Eu uso calça, padre, e a batina... é discreta!...

Paulo d'Almeirim

Os mestres da Sensualidade

O Corcunda por Eduardo Zamacois

— Christovam — disse eu — estou triste. Quer distrahir-me, tocando piano?

Elle levantou-se com um movimento de automato, fazendo deslizar sobre o tapete carmezim os seus pés enormes, e foi sentar-se deante do teclado, voltando as miserias costas reluzentes e corcovadas. Eu fiquei no sofá, apertando a boneca entre os braços e estendendo as pernas em um expansivo movimento de preguiçoso abandono.

CONSIDERO O PRIMEIRO!

diz o illustre Dr. Carlos Lopes.



Attesto que temos empregado em minha clinica o conhecido ELIXIR DE NOGUEIRA, do pharmaceutico chimico João da Silva Silveira, em todos os casos de manifestações syphiliticas; os seus effeitos não se fazem esperar, ainda mesma nas phases mais adiantadas, e considero-o, portanto, como o primeiro depurativo.

Bahia, 5 de Março de 1916.

Dr. Carlos Lopes.

A penumbra do crepusculo invadia o gabinete, e aquelle escurecer fazia-me afrouxar os musculos; a minha imaginação entregava-se a uma serie interminavel de interrogações. Eu era boa, era-o para quantos se chegavam a mim, umas vezes por capricho, outras por calculos interesseiros; de todos os meus apaixonados era a belleza assetinada do meu corpo, dos meus amigos as abnegações heroicas da minha alma; desde ha muito tempo. Christovam amava-me; por que não ser boa para elle?... Os accordes do piano acariciavam-me a carne como se fossem patas de insectos, beliscando as minhas recordações, lembranças alegres ou tristes que se erguiam na noite da minha consciencia, semelhantes a velhos mortos que levantassem para o céu os seus braços hirtos. Christovam, com o seu craneo anguloso e o seu corpo deformado, encarapitado no banco alto do piano, parecia um gnomo, um desses espiritos chimericos, que nos opprimem o coração dos pesadelos e que alta noite choram escondidos nas ruinas. Christovam era feio. Mas, acaso, a fealdade e a bel-

leza não são igualmente anniquilaveis perante a morte? Em compensação, a sua alma respeitosa amava-me, e era nobre e sã, porque ainda não tinha vivido. A attracção, do raro, que me possuiu com o illusionista Mr. Robert, tornava a apoderar-se de mim; seria curioso, como phenomeno de observação, suave e triste, assistir ao despertar daquelle espirito, que jamais amou nem foi amado.

Para mim, primeiro idolo da sua fé, seriam os seus primeiros juramentos, as melhores orações da sua paixão; sobre o meu corpo aprenderiam os seus dedos innocentes a conhecer as proporções da belleza feminina; os seus ouvidos conservariam sempre o timbre amantissimo da minha voz, a minha recordação encheria a sua historia, o calor da minha carne penetraria nos seus ossos, conservando-se lá, como uma energia da mocidade, até á morte; e, depois, quando eu fosse velha, elle, filho maldito da fortuna, continuaria a recordar-se de mim, que o fizera tão ditoso.

As mãos compridas e palidas de Christovam crispavam-se sobre o teclado, transmittindo ás cordas as vibrações do seu amor; a musica era triste, muito triste...

E eu pensei: as mais excellentes creações da arte foi a dôr que as inspirou; esta musica delicia-nos pelas extravagancias sentimentaes da sua melancolia; está enferma, geme, chora, e falla-nos da morte; a sua tristeza vae-se arrastando, arquejante de agonia, de um compasso para outro. Porque não devia aquella silhueta, enfeimica e grotesca, produzir-me commoção análoga?

Aquelle estado de indolencia, de que eu propria soffria, não confirmava que para os espiritos fatigados o prazer esthetico mais intenso não consiste na commoção forte, pujante, genuinamente sadia? O triste agasta-se vendo uma farça; treme perante a ameaça de ter de seguir, com os pés, o rythmo de qualquer marcha ciliar; fecha os olhos, no campo, sob a claridade vigorosa do sol. Pelo contrarrio, a elegia, a paisagem crepuscular, de tonalidades escuras, a

Os mestres da Sensualidade

O Corcunda por Eduardo Zamacois

musica religiosa, de lentos e pesados accordes, cujo movimento e cadencia parece extinguirem-se no quietismo de uma dôr reflexiva, serão por elle ouvidos sem o molestar.

Nestas razões, menos subteis do que parecem, encontro eu a explicação da minha alma não poder absorver-se completamente na paixão do marquez de Langara. A sua alma, por excessivamente vigorosa, nunca fraternizava commigo, fatigava-me a sua sêde de gôsos; o seu desejo de impressões fortes e novas, os seus ciúmes, feriam-me; não poderia nunca apoiar-me a elle sem me sentir arrastada; o seu auxilio era forte de mais, a nossa communhão, portanto, absurda e monstruosa; um gigante não sabe andar, levando uma creança pela mão.

Narbona era o passo-dobrado marcial, o brinde entusiasta da orgia, o brocado vermelho que deslumbra e aturde, a barra de ouro com o brilho de um reflector ao sol; eu precisava de um amante mais terno, menos brusco, adorador obediente e languido, que não soubesse estar junto de mim sem uma supplica.

Christovam Soto, chorando sobre o piano, correspondia ao meu pensamento; a minha alma ferida, só acharia repouso na posse do seu corpo, deformado pela desgraça; só elle, que estava muito baixo, saberia acariciar-me respeitosamente, sem dôr para as minhas carnes.

Elle tinha a seducção morbida da poesia elegiaca, o mysterio romantico das meias tintas, a nostalgia evocadora de recordações, das melodias em tom menor...

Quando o corcunda acabou de tocar, girou sobre o banco, votando-se para mim; eu continuei reclinada no sofá, com a boneca nos braços. Os moveis desenhavam-se, a custo, na sombra.

— Accendo o candieiro? — perguntou Christovam.

Sem descerrar as palpebras, respondi:

— Não.

Decorreram alguns minutos. Christovam levantando-se murmurou:

— Vou-me embora; a senhora está fatigada e o marquez não tarda.

— Paco — disse eu — não virá esta noite... E se vier... será muito tarde.

Depois de uma pausa, sabiamente calculada, accrescentei:

— Está triste?

— Por que, minha senhora?

E reflectiu, receando desgostar-me:

— Por que me faz essa pergunta, Izabel?

— Responda.

— Sim, é verdade... Sou um desgraçado; estou sempre triste.

— Muito triste?

— Muito, sim... Muito!

E interrompeu-se, para suspirar.

— Tambem eu! — exclamei.

E prosegui:

— A melancolia tem improvisado mais amantes do que a verdadeira paixão. Approxime-se... Consolemo-nos. O senhor é desgraçado, porque não amou nunca; eu sou-o, porque o meu unico carinho morreu ás mãos do esquecimento que comsigo traz a distancia ingrata.

Approximou-se, dando passos vagarosos, com aquelles pés silenciosos e timidos, com aquelle andar pausado de homem constrangido pela obcecação de parecer ridiculo. E ficou deante de mim, com os braços pendentes ao longo do corpo, sem saber onde collocar as mãos.

— Sente-se — disse-lhe eu.

Foi buscar uma cadeira.

— Não — exclamei, interrompendo aquella cortezia — aqui, no sofá, junto de mim.

E, logo que elle ficou ao lado, puz-lhe as mãos sobre os hombros, sobre aquelles pobres hombros que nunca tinham gosado de uma ligeira caricia.

— Amas-me... disse-lhe. — Amas-me... bem o sei... Tambem eu te quero a ti...

E o seu corpo grotesco e a minha alma estranha fundiram-se, completando-se em uma conjuncção burlesca.

EDUARDO ZAMACOIS



PARA DÔRES
RHEUMATICAS
CONSTIPAÇÕES
DÔRES NO PEITO E NAS COSTAS
eu e minha familia
sempre usamos

**EMPLASTRO
PHENIX**

OPTIMO NOS RESULTADOS

MARCA



REGISTR.

Acaba de apparecer
O Arco de Esopo

10.^o volume dos famosos contos
do

Conselheiro X. X.

Referentes ao anno de 1925

Pedidos á

== Livraria Leite Ribeiro ==

FREITAS BASTOS, SPICER & Cia.

Rua 13 de Maio, 74 e 76

RIO DE JANEIRO